

António Maria Falcão Pestana de Vasconcelos

Os Sousa Chichorro e as Ordens Militares: reflexões em torno desta linhagem

Resumo

Os comportamentos de alguns indivíduos da linhagem os Sousa Chichorro, no interior do grupo social a que pertencem, bem como no seio de determinadas instituições como as Ordens Militares, constituem o grande objectivo deste estudo. Assim, é fundamental a sua presença nestas instituições, a par do papel que tiveram na corte régia.

Abstract

This paper aims to analyze the actions of some individuals of Sousa Chichorro's lineage, within the social group to which they belong, as well as within the fold of certain institutions, such as the Military Orders. Besides the role they played in the King's court, their presence and influence in these institutions was crucial.

Reconhecido cada vez mais o interesse dado à História da família e da nobreza, procuramos neste pequeno trabalho alcançar uma visão, a possível nesta fase da nossa investigação, dos comportamentos de alguns indivíduos da linhagem os Sousa Chichorro, no interior do grupo social a que pertencem, bem como no seio de determinadas instituições como as Ordens Militares. Por agora, fizemos apenas um ensaio metodológico e uma abordagem parcial dos elementos desta linhagem, uma vez que o grosso desta nossa investigação será abordado num trabalho mais amplo que é o nosso doutoramento.

Neste sentido, a descrição genealógica desta linhagem, irá assumir alguma importância ao longo deste trabalho, bem como a suas ligações, quer ao poder régio, quer às Ordens Militares, estando limitado a um período concreto, isto é o século XV e princípios do século XVI.

Como ponto de partida para este nosso estudo, achamos que era de todo o interesse procurar as origens da linhagem em apreço. Assim, independentemente das informações por nós recolhidas, quer no *Livro de Linhagens do séc. XVI*, quer no *Nobiliário das Famílias de Portugal*, estudos mais recentes sobre

a Nobreza, permitiram-nos aclarar vários aspectos, para os quais se levantavam algumas dúvidas.

No que toca às origens desta linhagem, é consensual considerar-se que teve início com Martim Afonso, de alcunha o Chichorro, filho de D. Afonso III e de uma moura¹, o qual viria a casar com Inês Lourenço de Valadares, filha de Maria Mendes, e neta de D. Mem Garcia de Sousa². As referências a este personagem, surgem-nos em 1271, no testamento de seu pai, onde é contemplado com uma verba de 1000 libras, e mais tarde, entre 1288 e 1300, já no reinado de seu irmão D. Dinis, altura em que aparece referido como rico homem³.

Desta união acima mencionada nasceu Martim Afonso Chichorro (II), referido como rico homem na corte de seu tio D. Dinis. É nesta qualidade que nos surge em 1320, quando foi ouvido em conselho sobre determinadas questões levantadas pelo Infante D. Afonso. Em Maio de 1322, aparece ao lado do dito Infante aquando do juramento de tréguas feito em Pombal. A 23 de Janeiro de 1323 fez composição com o conde D. Pedro, ficando com as honras e coutos de Fregreiro de Travaços, Amarante, Barroso, Andrões Galegos e o lugar de Muzães. Não teve descendência legítima, mas de D. Aldonça Anes de Briteiros, abadessa de Arouca, teria tido dois filhos, o primeiro, Vasco Martins de Sousa e, o segundo, Martim Afonso de Sousa⁴.

¹ FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996, vol. I, p. 207, *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1956, p. 20 e GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 69.

² FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996, vol. I, p. 206.

³ Sobre este personagem veja-se PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais Portuguesas, Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, Porto: CEGH e HF, Universidade Moderna, 1999, vol. 1, p. 173-174.

⁴ PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais Portuguesas, Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, Porto: CEGH e HF, Universidade Moderna, 1999, vol. 1, p. 173-174 e *Os Patronos do Mosteiro de Grijó (Evolução e Estrutura da Família Nobre Séculos XI a XIV)*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda., 1995, p. 204-205. No que se refere a esta descendência, são as restantes fontes um tanto ambíguas. Assim, segundo o *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1956, p. 21, Martim Afonso Chichorro teria tido um filho legítimo, que veio a falecer ainda pequeno, sendo-lhe no entanto atribuído um bastardo, Vasco Martins de Sousa, o qual seria filho de uma Ana Lourenço de Valadares, mulher fidalga. No que se refere ao segundo filho, Martim Afonso Chichorro nada se diz.

Por sua vez, FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996, vol. I, p. 207, para justificar esta descendência refere-nos uma carta escrita em Coimbra, e datada de 6 de Dezembro de 1341, onde em presença de D. Afonso IV e dos fidalgos, Vasco Martins, filho de Martim Afonso Chichorro, por uma parte, e de Inês Dias, filha de Sancho Manuel, pela outra, se declara serem casados e estabeleceu-se o contrato de arras, no valor de quatro mil libras, tendo-se oferecido por fiador do noivo, entre outros, o Infante D. Pedro.

O desenvolvimento desta linhagem implica, no entanto, informações que suscitam algumas dúvidas, nomeadamente sobre esta geração e sua descendência. De uma maneira geral, se até ao reinado de D. Dinis foi possível seguirmos a interpretação apresentada por José Augusto Pizarro⁵, para os tempos seguintes somos confrontados com falta de elementos que nos permitam fazer afirmações, uma vez que carecem pontualmente de mais esclarecimentos, que só investigações futuras podem confirmar.

Vasco Martins de Sousa, foi vassalo da casa de D. Afonso IV e criado do Infante D. Pedro, o qual aquando da subida ao trono, em Maio de 1357, o fez seu chanceler mor e rico-homem⁶. Em 1360, surge-nos a dar o seu testemunho relativamente ao casamento de D. Pedro e D. Inês, testemunho que voltou a repetir anos mais tarde, nas cortes de Coimbra, celebradas entre Abril e Maio de 1385⁷. A presença deste fidalgo junto da corte, fez-se sentir no reinado de D. Fernando, onde em vários diplomas aparece mencionado como vassalo régio, sendo-lhe atribuídas várias mercês, de entre elas, a doação feita a 13 de Fevereiro de 1372, por juro de herdade das terras de Penaguião e de Gestaçô⁸, e mais tarde em 1 de Abril de 1377, em préstamo, enquanto sua mercê fosse, das rendas da terra de Mortágua⁹. Esta última, virá a ser-lhe doada, por juro de herdade, já em tempo de D. João I, por carta dada em Coimbra, a 3 de Abril de 1385¹⁰, altura em que, esteve presente nas cortes celebradas na dita cidade. Casou com Dona Inês Sanches Manuel, de quem teria tido dois filhos, Martim Afonso de Sousa e Dona Beatriz Afonso de Sousa¹¹. Terá falecido em 24 de Janeiro de 1387.

Quanto a Martim Afonso de Sousa, irmão de Vasco Martins de Sousa, acima referido, não nos aparece qualquer referência no *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, sendo no entanto mencionado, tanto por D. António Caetano de

⁵ PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais Portuguesas, Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, Porto: CEGH e HF, Universidade Moderna, 1999, vol. 1, p. 173-174.

⁶ Surge-nos assim referido na carta datada de 13 de Outubro de 1357, onde lhe é feita doação todos os bens móveis e de raiz, que haviam pertencido a Pero Coelho, que os perdeu por ter sido um dos assassinos de Inês de Castro. IAN/TT, *Chancelaria de D. Pedro*, Liv. 1, fl. 15 v.

⁷ PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais Portuguesas, Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, Porto: CEGH e HF, Universidade Moderna, 1999, vol. 1, p. 173-174 e *Os Patronos do Mosteiro de Grijó (Evolução e Estrutura da Família Nobre Séculos XI a XIV)*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda., 1995, p. 204-205.

⁸ IAN/TT, *Chancelaria de D. Fernando*, Liv. 1, fl. 95.

⁹ IAN/TT, *Chancelaria de D. Fernando*, Liv. 2, fl. 3.

¹⁰ IAN/TT, *Chancelaria de D. João I*, Liv. 1, fl. 120.

¹¹ PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor – *Os Patronos do Mosteiro de Grijó (Evolução e Estrutura da Família Nobre Séculos XI a XIV)*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda., 1995, p. 204-205.

Sousa¹², como por Braamcamp Freire¹³, os quais lhe atribuem vários casamentos e barreganias, todas com descendência. A sua presença nas cortes de Coimbra de 1385, também aparece documentada, sendo referido como capitão dos ginetes de D. Fernando¹⁴. Familiar de Vasco Martins de Sousa¹⁵, o seu posicionamento político é bem demarcado, ao ser identificado como partidário do Mestre de Avis, e ao ser referida a sua presença na batalha de Aljubarrota, alguns meses mais tarde. Após a morte de Vasco Martins de Sousa, terá herdado o senhorio de Mortágua¹⁶.

Assim, Martim Afonso de Sousa, 2º Senhor de Mortágua, segundo o *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, terá casado¹⁷, tendo dessa união nascido Gonçalo Anes de Sousa; Dona Inês de Sousa, primeira mulher de Álvaro Gonçalves Camelo, Senhor de Laja e por morte deste, mulher de Diogo Peixoto; Dona Briolanja de Sousa, segunda mulher de Martim Afonso de Sousa, guarda-mor de D. João I; e Dona Catarina de Sousa, segunda mulher de João Freire de Andrade¹⁸. São-lhe ainda atribuídos dois filhos bastardos, Martim Afonso de Sousa e Pedro de Sousa¹⁹.

Por sua vez, para Felgueiras Gayo, este Martim Afonso de Sousa, é irmão de Vasco Martins de Sousa, e terá casado duas vezes. Atribui-lhe como primeira mulher uma D. Maria de Briteiros, sua prima co-irmã, e como segunda mulher uma Estefânia Garcia. Do primeiro casamento, terão nascido todos aqueles acima referidos, acrescentando um Gomes de Sousa, comendador da Ordem de Cristo²⁰. Do segundo matrimónio terá nascido um Afonso Vasques de

¹² SOUSA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. 2ª ed., Coimbra: Livraria Atlântida, 1946-54, vol. XII, tomo 2, p. 7-8.

¹³ FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996, vol. I, p. 208.

¹⁴ *Chronica de D. João I*, part. II, p. 95.

¹⁵ Para José Augusto Pizarro, este Martim Afonso de Sousa, teria casado com Margarida Gonçalves de Sousa (Briteiros), de quem terá tido pelo menos uma filha. Neste sentido, considera que a descendência atribuída a Martins Afonso de Sousa, tanto por D. António Caetano de Sousa como por Braamcamp Freire, deverá ser atribuída ao seu sobrinho, filho de Vasco Martins de Sousa, seu homónimo. PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor – *Linhagens Medievais Portuguesas, Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, Porto: CEGH e HF, Universidade Moderna, 1999, vol. 1, p. 175, nota 62 e *Os Patronos do Mosteiro de Grijó (Evolução e Estrutura da Família Nobre Séculos XI a XIV)*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda., 1995, p. 204-205.

¹⁶ FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1996, vol. I, p. 208.

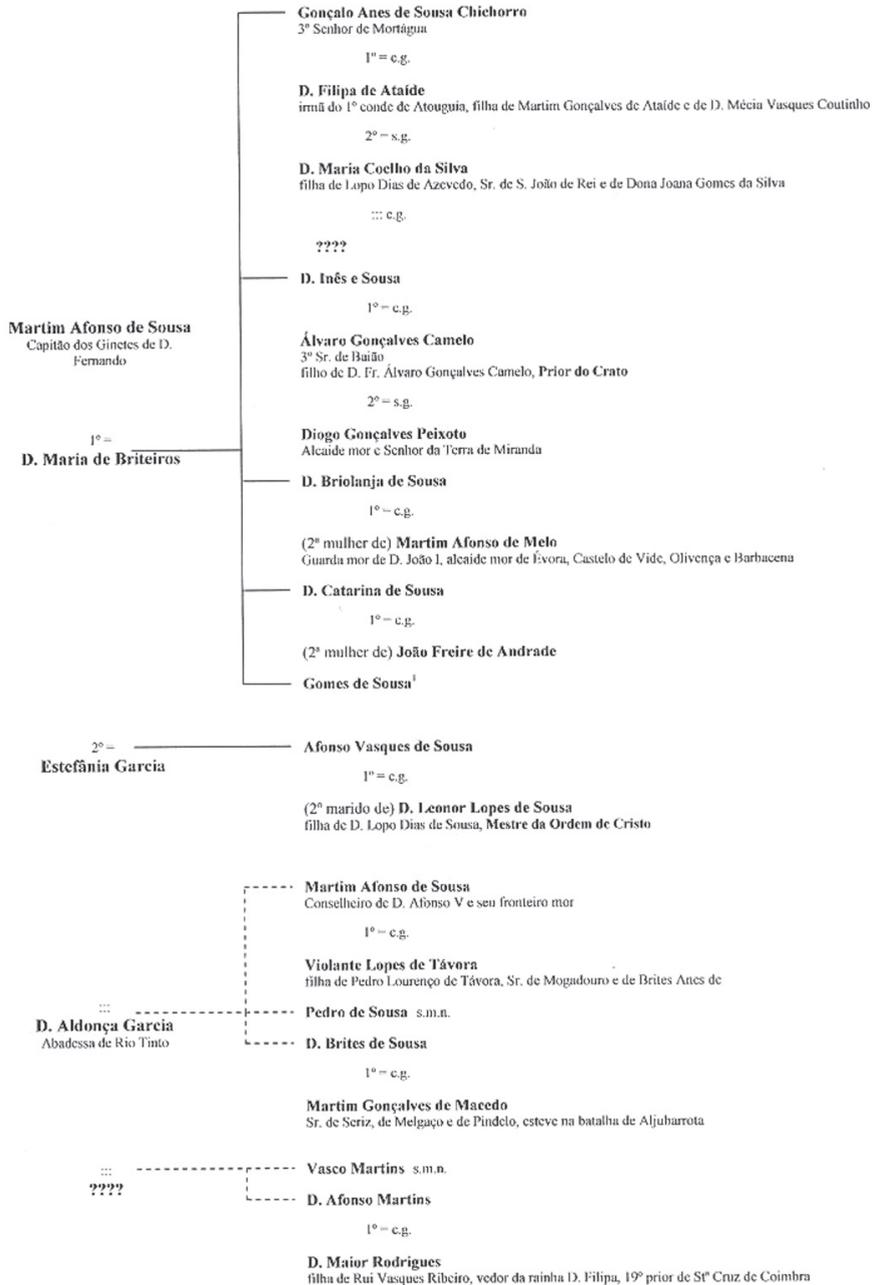
¹⁷ No *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, não se faz qualquer menção ao nome da sua primeira mulher. *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1956, p. 21-22.

¹⁸ *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1956, p. 21-22.

¹⁹ *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1956, p. 22.

²⁰ Referido por GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 69-70.

OS SOUSA CHICHORRO E AS ORDENS MILITARES



Esquema Genealógico nº 1

Sousa²¹. Quanto aos bastardos, Felgueiras Gayo, no seu *Nobiliário das Famílias de Portugal*, refere-nos ainda uma Dona Brites de Sousa, irmã dos dois acima mencionados, futura mulher de Martim Gonçalves de Macedo, Senhor de Seriz²². Todos estes filhos bastardos de Martim Afonso de Sousa, teriam sido fruto da sua ligação com D. Aldonça Rodrigues, abadessa de Rio Tinto²³. Para além destes, refere-nos ainda Felgueiras Gayo, como sendo seus filhos bastardos um Vasco Martins e um D. Afonso Martins, este último casado com D. Maior Rodrigues, filha de Rui Vasques Ribeiro, vedor da rainha D. Filipa e 19º prior de Santa Cruz de Coimbra²⁴.

Como tivemos oportunidade de constatar, a presença de elementos desta linhagem junto da corte, era já uma realidade. Neste sentido, não será descabido interrogarmo-nos sobre o que terá levado alguns destes indivíduos a quererem ingressar nas Ordens Militares.

Numa primeira fase, para se ter acesso a estas instituições não era necessário qualquer tipo de atributos específicos, como nos demonstram as Regras, Estatutos e Definições, que as regiam. Aos candidatos ao hábito destas milícias, era-lhes requerido o serviço a Deus, podendo fazê-lo de duas formas, pela via contemplativa, como freire clérigo, ou de forma mais interveniente no mundo, como freire cavaleiro. Ao optar por esta segunda via, tornava-se um defensor do nome de Cristo, um defensor da Cristandade.

Neste sentido, não será de estranhar que aqueles que ingressavam nestas instituições com o objectivo de servirem a Deus pelas armas fossem os mesmos que, como leigos, já possuíam algumas destas funções, nomeadamente devido ao estatuto social a que já pertenciam. Por outro lado, se atentarmos na possibilidade de estes cavaleiros poderem vir a usufruir de rendimentos e de bens patrimoniais consideráveis, nomeadamente, através da administração de Comendas, não será de estranhar que, alguns dos candidatos ao ingresso nestas instituições pertencessem à Nobreza.

Face ao exposto, e tendo em conta que, para o período em apreço, ou seja sécs. XV e XVI, as ordens militares já se encontrarem sob controle da coroa, numa primeira fase através dos Infantes na qualidade de governadores

²¹ Referido por GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 69-70.

²² GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 70.

²³ Desta relação com a abadessa de Rio Tinto, também se lhe refere FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, vol. I, p. 208, e LOPES, Fernão – *Chronica de D. João I*, 2º pt., p. 95.

²⁴ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 70.

e administradores, e mais tarde sob a administração do próprio monarca, podemos considerar que, o ingresso de um indivíduo pertencente à nobreza, fosse ele da alta ou baixa nobreza, pode ser considerado como uma forma de distinção social e de prestígio, quer para a sua família, quer para a linhagem²⁵. Prestígio que atingiria níveis muito superiores quando eram designados para exercerem ofícios, como por exemplo o de Comendador mor, dignidade que no plano temporal, se situa imediatamente abaixo da de Mestre ou Administrador.

É neste contexto, que podemos entender a presença de Gonçalo Anes de Sousa²⁶, no ofício de Comendador mor da Ordem de Cristo, pelo menos desde 23 de Junho de 1461, altura em que também é mencionado como Chanceler mor da Casa do Infante D. Henrique²⁷, Governador e Administrador da mesma milícia. É nesta qualidade de comendador mor que, cumprindo com o estipulado pelas Definições face à vacatura do mestrado por morte do Infante D. Fernando, administrador da Ordem de Cristo, veio a assumir o governo da milícia, até à nomeação do duque D. Diogo de Portugal, filho do anterior “Mestre”²⁸.

O interesse por este personagem não se deve apenas à dignidade que ocupava, mas de ter associado a ela, o facto de ser fruto de uma ligação ilegítima de seu pai, Gonçalo Anes de Sousa Chichorro, 3º Senhor de Mortágua.

Não foi, no entanto, como podemos constatar, este um factor impeditivo na sua ascensão dentro da milícia, como também o não veio a ser para os seus filhos, os quais também eram marcados pelo estigma da bastardia.

Assim, o seu filho mais velho, Fernão de Sousa, fidalgo da casa do duque de Viseu²⁹, virá a assumir o cargo de comendador mor, em substituição de seu pai. É nesta qualidade que nos aparece mencionado em carta outorgada por D. Afonso V, em 30 de Julho de 1476, pela qual lhe confirma todos os privilégios inerentes à dita comenda³⁰. No que se refere à descendência deste comendador mor, refira-

²⁵ Como comprovou já SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *Os Pimentéis: percurso de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000.

²⁶ Filho ilegítimo de Gonçalo Anes de Sousa Chichorro, 3º Senhor de Mortágua, documentado entre 1400, a quando da sua carta de legitimação e 1415, altura da sua morte. GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Souseas, p. 70-71.

²⁷ *Monumenta Henricina*, vol. XIV, doc. 54, pp. 151-155. Referido por SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e – *A Ordem de Cristo (1417-1520)*, in “*Militarium Ordinum Analecta*”, nº 6, Porto, Fund. Engº. António de Almeida, 2002, p. 384.

²⁸ Carta de 4 de Março de 1471. IAN/TT, *Gaveta I*, maço 6, doc. 4. Referido por SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e – *A Ordem de Cristo (1417-1520)*, in “*Militarium Ordinum Analecta*”, nº 6, Porto, Fund. Engº. António de Almeida, 2002, p. 384.

²⁹ Referido em 1462 como cavaleiro fidalgo no Livro das Moradias da Casa do Senhor Rey D. Afonso V. SOUSA, D. António Caetano de – *Provas de História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra: Atântida - Livraria Editora, Lda. 1947. Tomo II, 1ª pt., p. 31

³⁰ IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 6, fl. 123, doc. 4.

ANTÓNIO MARIA FALCÃO PESTANA DE VASCONCELOS

Gonçalo Anes de Sousa
Chichorro
3º Senhor de Mortágua

1º =
D. Filipa de Ataíde
(irmã do 1º conde de Atouguia,
filha de Martim Gonçalves de
Ataíde e de D. Mécia Vasques
Coutinho)

Mécia de Sousa
4ª Senhora de Mortágua
1º = c.g.

D. Sancho de Noronha
3º conde de Odemira, filho de D. Afonso, Conde de Noronha e de Gijón e de D. Isabel, filha B de D. Fernando

2º =
D. Maria Coelho da Silva
(filha de Lopo Dias de Azevedo,
Sr. de S. João de Rei e de Dona
Joana Gomes da Silva)
s.g.

...
?????

João de Sousa

1º = c.g.

D. Brites

Filha de Álvaro Fernandes de Almeida, alcaide mor de Torres Novas e de D. Inês ou Maria de Ocem

Francisco de Sousa

Abade de Santo Tirso

Gonçalo Anes de Sousa

Comendador mor da Ordem de Cristo

... c.g.

???

Cide de Sousa

Enviado por D. Afonso V a Castela. Vedor e contador da rainha D. Joana, mulher de D. Henrique

1º =

em Setúbal em 1445

c.g.

D. Leonor Fogaça

Filha de Rui Gonçalves de Castanheda, vedor da casa da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. João

Esquema Genealógico nº 2

-se uma filha bastarda, de nome Aldonça³¹, a qual, pelo seu casamento, irá manter a ligação à Ordem de Cristo, uma vez que, veio a casar com D. António de Sousa, comendador de Sousel³².

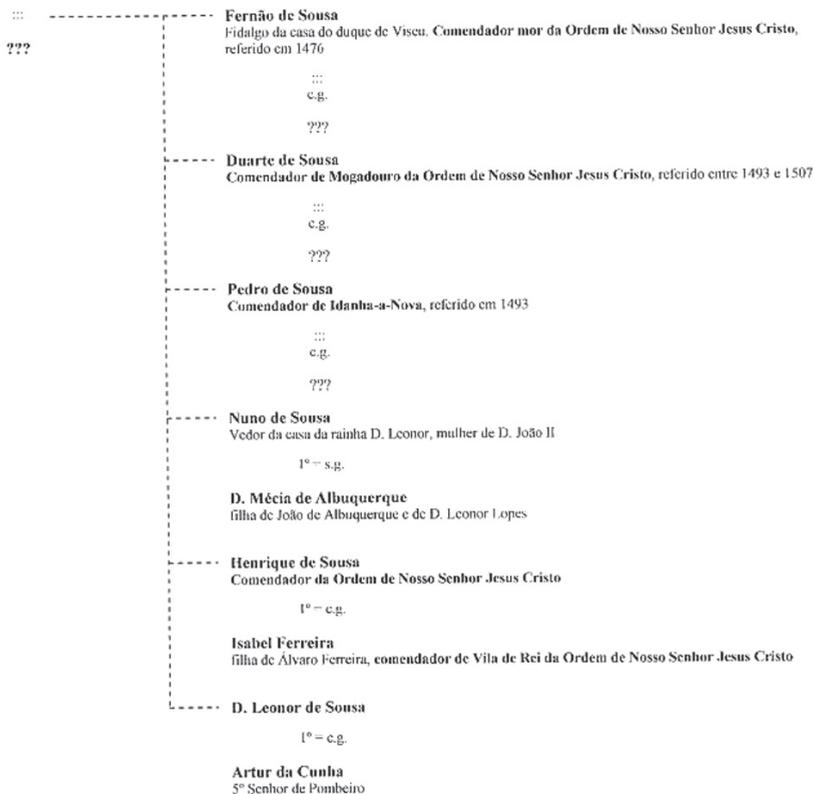
Para além deste filho, teve Gonçalo Anes de Sousa, Duarte de Sousa, comendador de Mogadouro na Ordem de Cristo. É nesta dignidade que nos

³¹ Esta filha de Fernão de Sousa, era bastarda, não havendo qualquer referência a quem foi a sua mãe. GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sosas, p. 177.

³² GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sosas, p. 177.

OS SOUSA CHICHORRO E AS ORDENS MILITARES

Gonçalo Anes de Sousa
Comendador mor da Ordem de
Nosso Senhor Jesus Cristo



Esquema Genealógico nº 3

surge mencionado, em 26 de Janeiro de 1493, aquando da reunião do Capítulo Geral da Ordem, realizada no Convento de Tomar, onde juntamente com outros, estabeleceu e ordenou por suficiente procurador da Ordem de Cristo, D. Manuel, Duque de Beja, governador e regedor da Ordem de Cristo³³. Referências a este comendador ainda as podemos encontrar, em 20 de Novembro de 1507, a quando da visitação levada a cabo nesta data à comenda de Mogadouro³⁴. Também ele

³³ IAN/TT, *Ordem de Cristo*, cód. 235, fl. 97-98.

³⁴ IAN/TT, *Ordem de Cristo*, cód. 307, fl. 87.

deixou descendentes, todos eles por via bastarda, como Rui de Sousa, futuro alcaide-mor de Sofala, em 1506; Gonçalo de Sousa, que foi servir para a Índia; Manuel de Sousa, capitão de um navio, falecido na costa de Melinde; e, por fim, uma filha, D. Catarina de Sousa, futura mulher do Doutor Álvaro Franco, chanceler de D. Manuel³⁵.

Presente no referido Capítulo Geral de Tomar, esteve ainda mais um filho de Gonçalo Anes de Sousa, o qual dava pelo nome de Pero de Sousa, na qualidade de comendador de Idanha-a-Nova³⁶. Tal como os seus irmãos, também irá deixar descendência, nomeadamente dois filhos e duas filhas. Relativamente à descendência masculina refira-se Jorge de Sousa, marido de D. Simoa Rebelo, filha de Fernão Neto, contador de Goa e Simão de Sousa, marido de Inês da Fonseca, filha de Simão da Sequeira. No que se refere à descendência feminina refira-se D. Maria Henriques, mulher de Pedro Botelho, capitão de S. Tomé e D. Lourença Henriques casada em Évora com Fr. Rodrigo de Vasconcelos, comendador de S. Vicente de Abrantes da Ordem de Cristo³⁷.

Dos filhos do comendador mor da Ordem de Cristo, refira-se ainda, Henrique de Sousa, também ele comendador na dita milícia, que casou com Isabel Ferreira³⁸, filha de Fr. Álvaro Ferreira, comendador de Vila de Rei³⁹.

Parece-nos ser relevante mencionar ainda, um outro filho deste comendador mor Nuno de Sousa que, embora não tivesse ingressado em qualquer milícia, veio a ter um contacto estreito com a corte, onde exerceu o cargo de vedor da casa da rainha D. Leonor, mulher de D. João II⁴⁰.

Voltemos um pouco atrás, a D. Briolanja de Sousa, também ela filha de Martim Afonso de Sousa, 2º Senhor de Mortágua e de D. Maria de Briteiros. Foi

³⁵ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 184.

³⁶ IAN/TT, *Ordem de Cristo*, cód. 235, fl. 97-98.

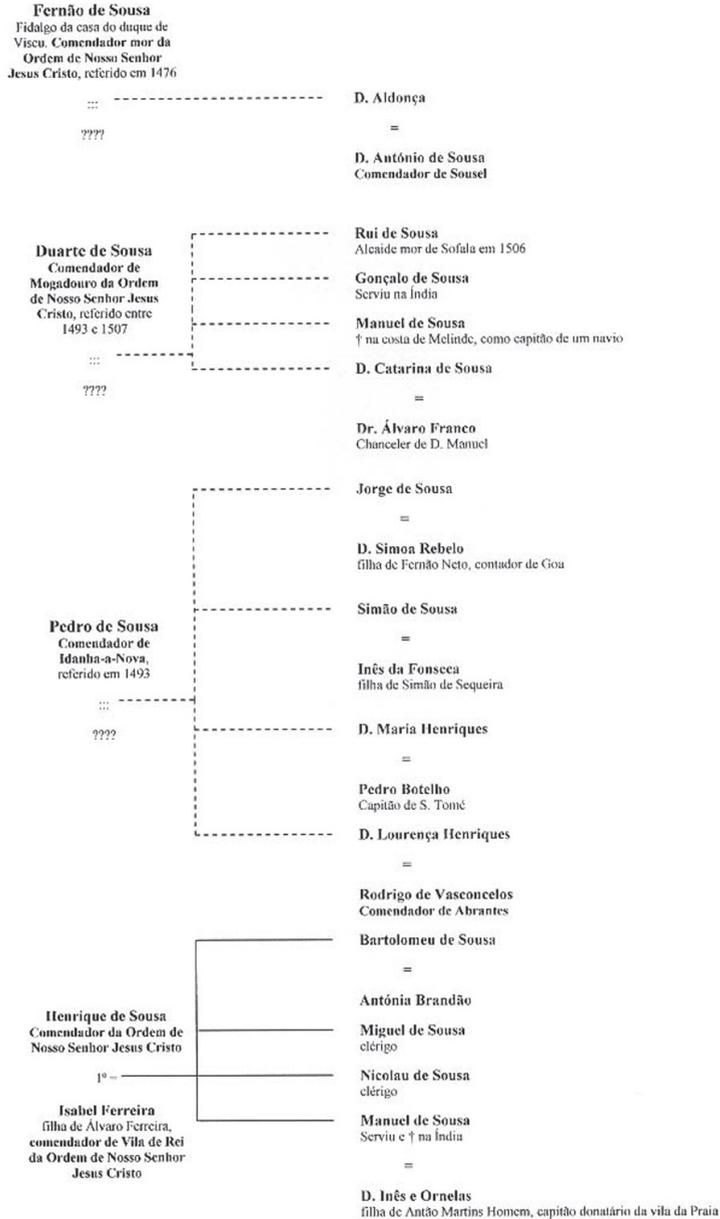
³⁷ Referido em 1541, como comendador da comenda de S. Vicente de Abrantes. IAN/TT, *Ordem de Cristo*, Livro 9, fl. 85. Sobre a descendência de Pero de Sousa, comendador de Idanha a Nova veja-se GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 184.

³⁸ Por carta de 10 de Agosto de 1471, D. Afonso V legitimou Isabel Ferreira, filha de Álvaro Ferreira, comendador de Vila de Rei e de Maria Álvares, mulher solteira. IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 16, fl. 138v, doc. 4.

³⁹ Por carta de 16 de Abril de 1475, D. Afonso V concede-lhe licença para arrendar a sua comenda, por três anos. IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 30, fl. 132, doc. 1.

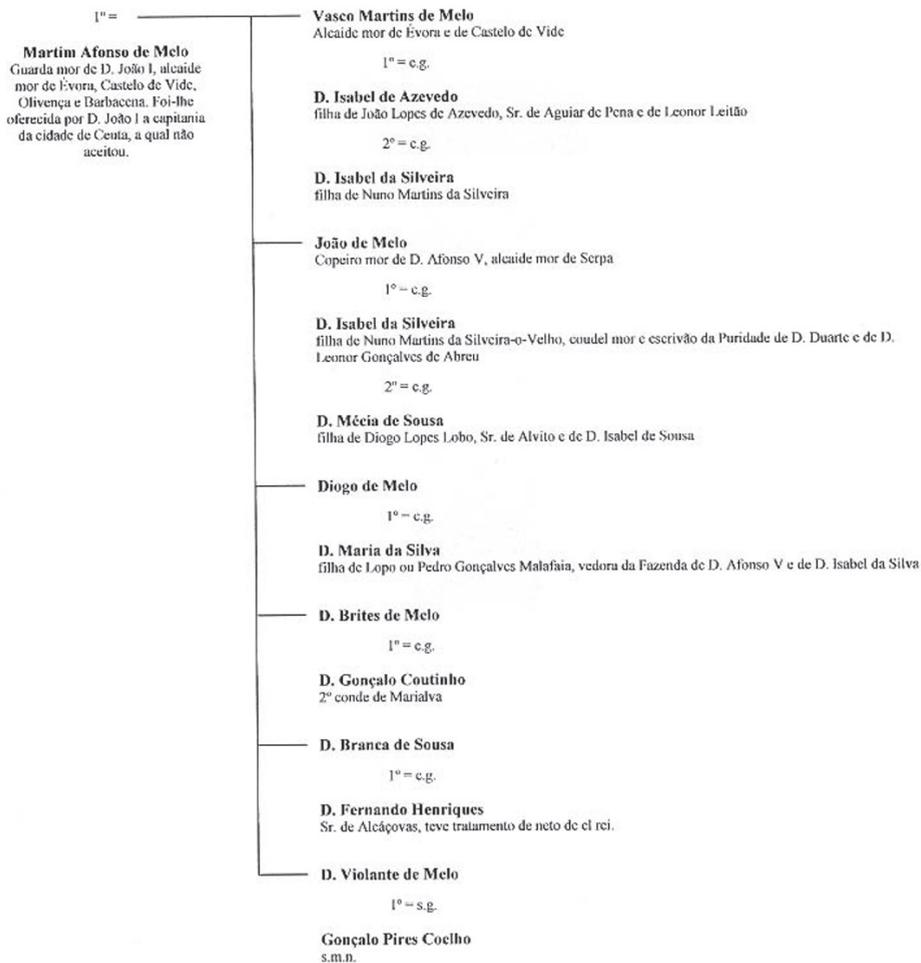
⁴⁰ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 177. Os outros filhos deste comendador mor que também não ingressaram em qualquer Ordem Militar, refiram-se Cristóvão de Sousa e Simão de Sousa, que faleceu em África (GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 70-71) e D. Leonor de Sousa, mulher de Artur da Cunha, 5º senhor de Pombeiro (GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 185).

OS SOUSA CHICHORRO E AS ORDENS MILITARES



Esquema Genealógico nº 4

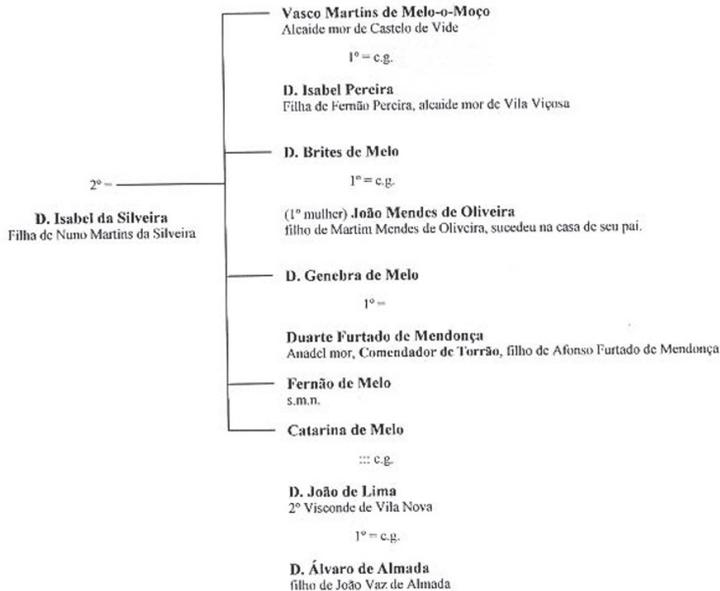
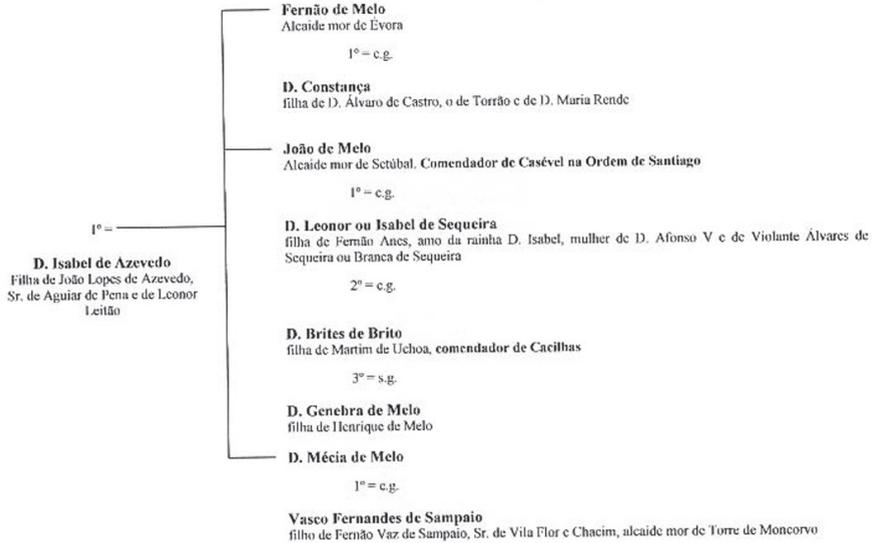
D. Briolanja de Sousa



Esquema Genealógico nº 5

OS SOUSA CHICHORRO E AS ORDENS MILITARES

Vasco Martins de Melo
Alcaide mor de Évora e de Castelo
de Vide



Esquema Genealógico nº 6

segunda mulher de Martim Afonso de Melo⁴¹, guarda mor de D. João I, alcaide mor de Évora, de Castelo de Vide, de Olivença e de Barbacena.

Desta união nasceu Vasco Martins de Melo, alcaide mor de Évora e de Castelo de Vide, o qual terá casado por duas vezes, a primeira com D. Isabel de Azevedo, filha de João Lopes de Azevedo, senhor de Aguiar de Pena e a segunda vez com D. Isabel da Silveira, filha de Nuno Martins da Silveira.

Do primeiro casamento nasceram, entre outros, João de Melo⁴², alcaide-mor de Setúbal e comendador de Casével da Ordem de Santiago⁴³. A sua presença à frente desta comenda aparece-nos documentada entre 19 e 24 Outubro de 1471⁴⁴ e Janeiro de 1472⁴⁵. No caso em estudo, podemos afirmar que a ligação às Ordens Militares também se fazia por via da descendência feminina, como podemos verificar pelo casamento de D. Genebra de Melo, uma das filhas do seu segundo casamento, a qual veio a casar com Duarte Furtado de Mendonça, anadel mor dos besteiros do conto de D. João II e comendador de Torrão⁴⁶. Nesta dignidade encontramos-lo entre 4 de Setembro de 1471⁴⁷ e 7 de Abril de 1475, sendo-lhe nesta data concedida licença para poder arrendar a sua comenda, por um período de três anos⁴⁸. Ainda deste segundo casamento, refira-se Vasco Martins de Melo-o-Moço, o qual veio a casar com D. Isabel Pereira, filha de Fernão Pereira, alcaide-mor de Vila Viçosa. Desta união nasceu Jorge de Melo-o-Picota, o qual foi pagem de D. Jorge, Mestre da Ordem de Santiago, sendo também referido como comendador, sem no entanto, lhe ser atribuída qualquer localidade⁴⁹. Terá partido para a Índia, como capitão mor de uma armada a 12

⁴¹ Trata-se de Martim Afonso de Melo, a quem D. João I ofereceu a capitania da cidade de Ceuta, a qual ele recusou. ZURARA, Gomes Eanes de - *Chronica de El-Rei D. João I*. Lisboa: Bibliotheca de Classicos Portuguezes, Escriptorio, 1899, Vol. III, p. 106.

⁴² Foi João de Melo, comendador de Casével, casado três vezes, a primeira com D. Leonor ou Isabel de Sequeira, filha de Fernão Anes, amo da rainha D. Isabel, mulher de D. Afonso V e de Violante ou Branca de Sequeira, c.g.; a segunda vez com D. Brites de Brito, filha de Martim Uchoa, comendador de Cacilhas, c.g.; a terceira vez com D. Genebra de Melo, filha de Henrique de Melo, c.g. Referido por GAYO, Felgueiras - *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas "Pax", 1941, Tomo XVIII, p. 146.

⁴³ FREIRE, Anselmo Braamcamp - *Brasões da Sala de Sintra*. Apresentação e Apêndices de GUERRA, Luís Bivar. [s.l.]; INCM. 1996, vol. I, p. 70.

⁴⁴ IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 22, fl. 51-51v, doc. 3 e IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 22, fl. 64, doc. 1, respectivamente.

⁴⁵ IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 29, fl. 103, doc. 1.

⁴⁶ GAYO, Felgueiras - *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas "Pax", 1941, Tit. dos Sousas, p. 69-70 e Tomo XVIII, p. 140.

⁴⁷ Referido nesta data, por ocasião de uma nomeação. IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 22, fl. 19v, doc. 2.

⁴⁸ IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 30, fl. 70, doc. 7.

⁴⁹ Foi ainda Jorge de Melo, mestre sala da rainha D. Leonor, mulher de D. Manuel. Terá casado

de Abril de 1507⁵⁰. Refira-se ainda um seu irmão, Garcia de Melo, de alcunha o Brasileiro ou o Braseiro, comendador de Castro Marim na Ordem de Cristo⁵¹, tendo também exercido o cargo de capitão de Safim. Casou com D. Guiomar Henriques, filha de D. Afonso Henriques, Senhor de Barbacena e de D. Lucrecia Barreto⁵².

No que se refere a João de Melo, filho segundo de D. Briolanja de Sousa e de Martim Afonso de Melo, irmão de Vasco Martins de Melo, acima referido. Foi João de Melo copeiro-mor de D. Afonso V e alcaide-mor de Serpa. Casou com D. Isabel da Silveira, filha de Nuno Martins da Silveira, escrivão da Puridade de D. Duarte. Desta união, entre outros, nasceu Garcia de Melo, o qual veio a suceder a seu pai na alcaidaria mor de Serpa, sendo também mencionado como comendador de Longroiva. É nesta dignidade e como fidalgo e conselheiro régio que nos aparece referido em 25 de Outubro de 1507, por altura da visitação feita à referida comenda⁵³. Casou com D. Filipa da Silva, filha de Henrique Pereira, comendador mor de Santiago e vedor da Fazenda do Infante D. Fernando, e de D. Isabel Pereira⁵⁴. Desta união houve descendência, nomeadamente Henrique de Melo, alcaide-mor de Serpa e comendador de Longroiva, porteiro mor e mestre-sala de D. Manuel, tendo casado com D. Maria de Meneses, filha de Pedro Barreto, alcaide-mor de Castro Verde. Por sua morte, a comenda da Longroiva

com D. Antónia de Mendonça, filha de D. Pedro de Castelo Branco. GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo XVIII, p. 155.

⁵⁰ XAVIER, Pe. Manuel – *Relações da Carreira da Índia*. Lisboa: Alfa, Biblioteca da Expansão Portuguesa, 1989, p. 13 e p. 107.

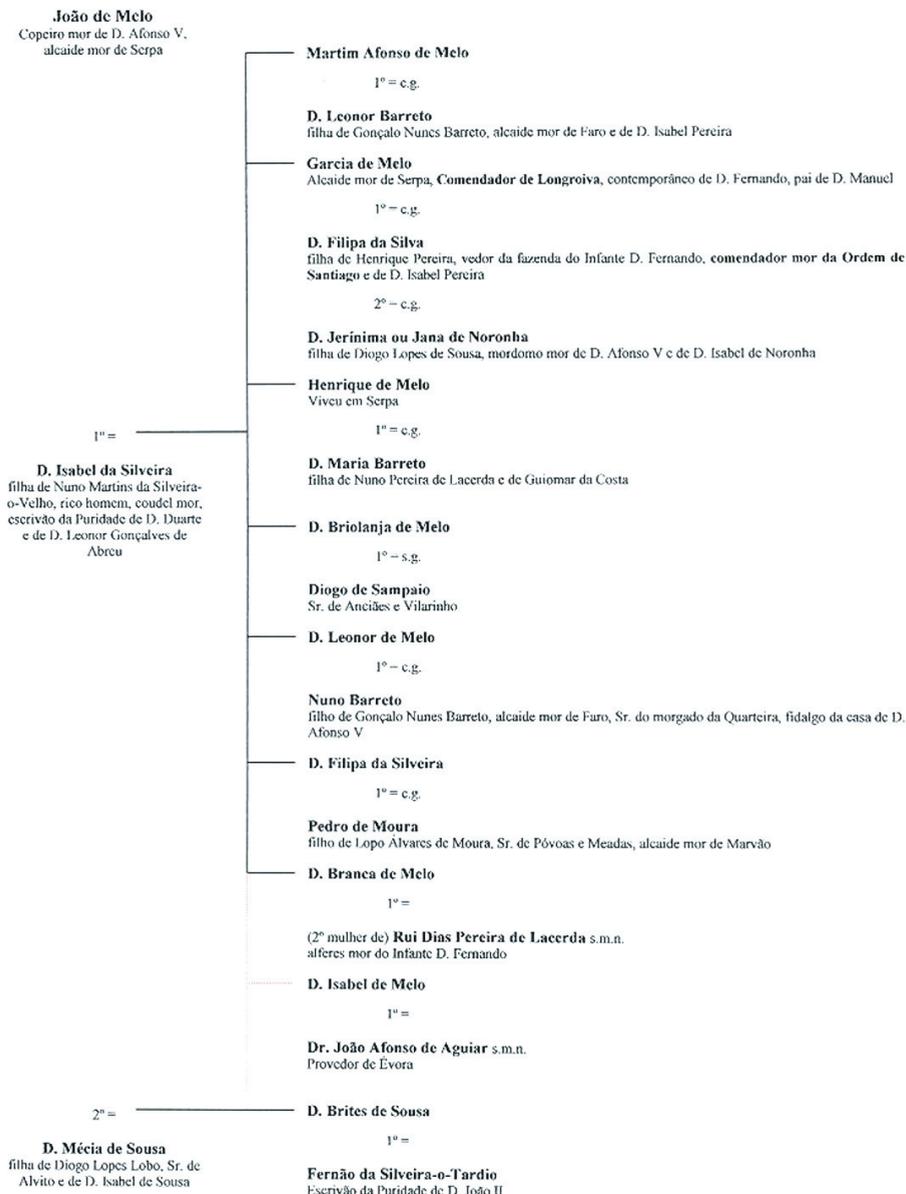
⁵¹ O seu filho António de Melo, aparece referenciado como comendador de Castro Marim, por volta de 1560. IAN/TT, Ordem de Cristo, Livro 9, fl. 102. Referido por SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e – *A Ordem de Cristo (1417-1520)*, in “*Militarium Ordinum Analecta*”, nº 6, Porto, Fund. Engº. António de Almeida, 2002, p. 489.

⁵² GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo XVIII, p. 154.

⁵³ Referido por DIAS, Pedro – *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510 (Aspectos Artísticos)*, p. 11 e por SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e – *A Ordem de Cristo (1417-1520)*, in “*Militarium Ordinum Analecta*”, nº 6, Porto, Fund. Engº. António de Almeida, 2002, p. 377 e p. 476.

⁵⁴ A 20 de setembro de 1450, recebeu uma tença de 5000 reais brancos, a serem pagas pelo almoxarifado de Santarém (IAN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 34, fl. 156); a 10 de Junho de 1451 recebe uma tença de 20.000 reais brancos, pelo seu casamento com Isabel Pereira, donzela da rainha D. Isabel (IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 12, fl. 10-10v); esteve presente na batalha de Alfarrobeira ao lado do rei (IAN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 11, fl. 10 v e Livro 15, fl. 23 v); como comendador mor da Ordem de Santiago, escrivão da puridade, chanceler mor e vedor da Fazenda do Infante D. Fernando, surge-nos em 25 de Junho de 1455, a quando da cerimónia do auto de juramento do príncipe herdeiro D. João, em Lisboa (SOUSA, D. António Caetano de – *Provas de História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo II, 2ª pt., Coimbra, 1947, p. 105); referido por GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo XVIII, p. 135-136.

ANTÓNIO MARIA FALCÃO PESTANA DE VASCONCELOS



Esquema Genealógico nº 7

passou para o seu irmão, Rui de Melo, o qual veio a contrair matrimónio com D. Maria de Meneses, filha de Fernão Mascarenhas, comendador da Ordem de Santiago⁵⁵.

Para além destes dois irmãos, registre-se ainda Jorge de Melo, monteiro-mor de D. João III, e comendador, que terá casado com Margarida de Mendonça, filha de Diogo de Mendonça, alcaide-mor de Mourão⁵⁶.

Por último, mencione-se Diogo de Melo da Silva, vedor da rainha D. Catarina, mulher de D. João III e comendador de Santa Justa de Lisboa e das Caldas da Ordem de Cristo. Casou com D. Catarina de Castro, filha de Miguel Corte Real, porteiro mor que foi de D. Manuel, e de D. Isabel de Castro⁵⁷.

Ainda na descendência de D. Briolanja de Sousa e de Martim Afonso de Melo, devemos integrar D. Brites de Melo, mulher D. Gonçalo Coutinho, 2º conde de Marialva e meirinho mor do reino. Destes, descende entre outros, D. Luís Coutinho, comendador de Santa Maria da Ilha Terceira da Ordem de Cristo, o qual casou com D. Leonor de Mendanha, filha de Pedro de Mendanha, alcaide de Castro Nuño. À frente da comenda de Santa Maria da Ilha Terceira, irá suceder um seu filho, de nome D. Francisco Coutinho⁵⁸.

Quanto à descendência do segundo casamento de Martim Afonso de Sousa, 2º Senhor de Mortágua com uma Estefânia Garcia, também aqui vamos encontrar elementos desta linhagem profundamente ligados à Ordem Militares. Neste sentido refira-se Afonso Vasques de Sousa⁵⁹, filho de Afonso Vasques de Sousa e de D. Leonor Lopes de Sousa, neto pela parte do pai do 2º Senhor de Mortágua e neto pela parte da mãe do Mestre da Ordem de Cristo, D. Lopo Dias de Sousa. Afonso Vasques de Sousa, surge-nos assim, referenciado como claveiro⁶⁰ e comendador da Redinha⁶¹ da Ordem de Cristo.

⁵⁵ Referido por GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo XVIII, p. 147. Na qualidade de comendador de Aljustrel, aparece a interceder junto de D. Afonso V a favor do seu criado, Diogo Coelho, para que lhe fosse concedido o cargo de escrivão das sisas régias de Aljustrel. IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 26, fl. 35, doc. 2.

⁵⁶ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo XVIII, p. 147.

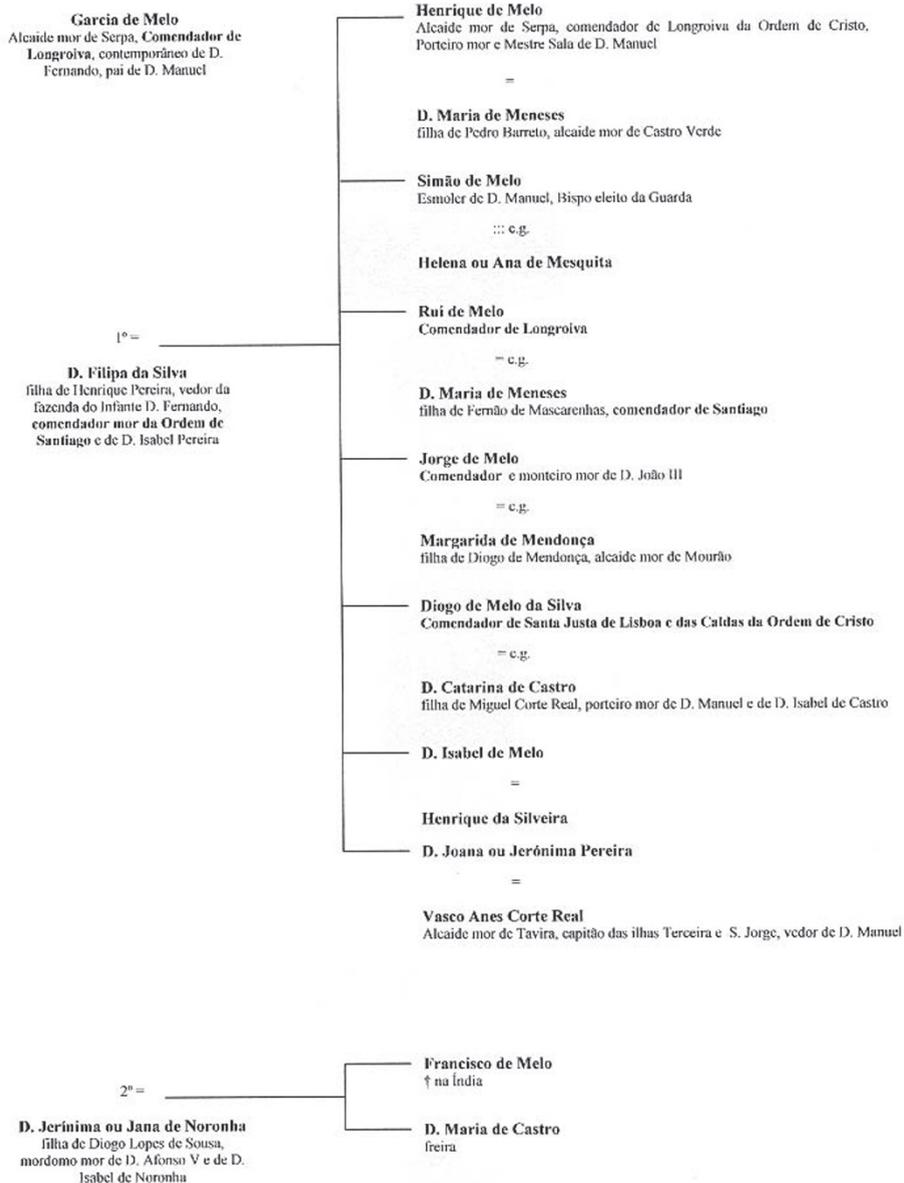
⁵⁷ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo XVIII, p. 149.

⁵⁸ D. Francisco Coutinho irá casar com uma filha de Diogo Logo, 2º barão de Alvito. GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tomo X, p. 11 e Tomo XX, p. 20.

⁵⁹ Referido por GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sousas, p. 42-43.

⁶⁰ Segundo Fr. Jerónimo Román, na sua história sobre a Ordem de Cristo, refere que este comendador terá exercido a dignidade de claveiro durante a administração do Infante D. Henrique, isto é, entre 1420 e 1460. B.N.L., *Col. Pombalina*, Cód. 688, fls. 27-29v. Referido por SILVA, Isabel Luísa

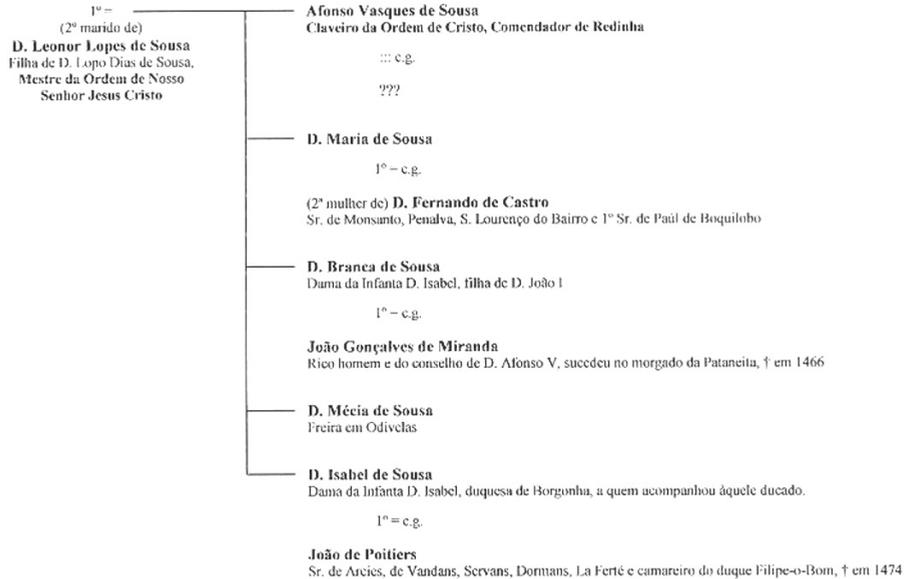
ANTÓNIO MARIA FALCÃO PESTANA DE VASCONCELOS



Esquema Genealógico nº 8

OS SOUSA CHICHORRO E AS ORDENS MILITARES

Afonso Vasques de Sousa



Esquema Genealógico nº 9

A ligação a esta milícia, irá manter-se na geração seguinte, uma vez que este comendador teve filhos, todos bastardos, que vieram a professar nesta instituição. De entre eles, saliente-se Fr. Luís de Sousa, cavaleiro da Ordem de Cristo, claveiro e comendador de Alpalhão, Idanha, Montalvão e Nisa, tendo exercido também as funções de fronteiro de Portalegre, Montalvão, Niza e Alpalhão, por vontade de D. Afonso V, ao longo do período da guerra com Castela⁶².

Morgado de Sousa e – *A Ordem de Cristo (1417-1520)*, in “*Militarium Ordinum Analecta*”, nº 6, Porto, Fund. Engº. António de Almeida, 2002, p. 316 e p. 484.

⁶¹ Aparece referido como comendador da Redinha, em carta datada de 6 de Fevereiro de 1456. Por esta carta o Inf. D. Henrique notifica-o de que os cavaleiros da Ordem de Cristo são isentos da jurisdição secular, tal como os frades ou clérigos de Ordens Sacras ou beneficiados. *Monumenta Henricina*, vol. XII, doc. 111, pp. 205-206. Referido por SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e – *A Ordem de Cristo (1417-1520)*, in “*Militarium Ordinum Analecta*”, nº 6, Porto, Fund. Engº. António de Almeida, 2002, p. 316 e p. 484.

⁶² A sua presença na Ordem de Cristo aparece-nos documentada entre 1415 (ZURARA, Gomes Eanes de – *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. XLI, p. 126-129) e 31 de Agosto de 1475, altura em que

A ligação desta linhagem às Ordens Religiosas Militares, não ficou limitada à Ordem de Cristo. Neste sentido, podemos constatar a presença de elementos seus ligados à Ordem de Santiago, nomeadamente, através de um irmão do claveiro e comendador da Redinha, mais concretamente o seu irmão mais novo, Jorge de Sousa⁶³, escrivão da sisas dos vinhos de Lisboa⁶⁴, comendador de Melres da Ordem de Santiago⁶⁵. Este comendador, terá casado com D. Leonor, filha de Rui Gil Moniz e de D. Filipa de Almada, tendo desta união nascido Francisco de Sousa Mancias, o qual por sua vez terá casado em Campo Maior com D. Antónia de Meneses⁶⁶, filha de Afonso Teles de Meneses.

Para além da descendência legítima de Martim Afonso de Sousa, quer pelo seu primeiro casamento, quer pelo segundo casamento, é de salientar que este senhor teve filhos bastardos, como se pode observar na Esquema nº 1. Estes e as gerações posteriores confirmam a proximidade à corte e às Ordens de Santiago e de Cristo, quer por ligação directa, quer por via do matrimónio dos elementos femininos. Por exemplo, já adiantado o séc. XVI, Leonor de Sousa, filha de Francisca de Sousa e de D. Rodrigo de Moura, 11º Senhor da Azambuja e conselheiro de D. Manuel, casa com Jorge Barreto, comendador da Azambuja⁶⁷.

Feita a apresentação de alguns elementos desta linhagem, não será de menos relembrar os antecedentes de corte de Martim Afonso de Sousa, neto bastardo de D. Afonso III. Estes laços com a corte régia serão acentuados pelos seus descendentes, aos quais também se deve o início de uma longa e importante ligação às Ordens de Santiago e de Cristo.

é nomeado para o cargo de fronteiro (IAN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Liv. 30, fl. 39 v, doc. 3). É referido como comendador de Alpalhão, Idanha, Montalvão, Nisa, em carta de 20 de Setembro de 1468. IAN/TT, *Ordem de Cristo, Convento de Tomar*, Cód. 234, 2ª pt., fls. 79v-80; *Coleção Especial, Ordem de Cristo*, maço 7, doc. 4; B.N.L., *Fundo Geral*, Cód. 736, fl. 143 v.

⁶³ Braamcamp Freire põe em dúvida a filiação dada a este Jorge de Sousa, conjecturando que este seria filho de um João de Sousa, criado de D. Duarte e Cônego beneficiado na Sé de Lisboa. (*Brasões da Sala de Sintra*. Lisboa: INCM, 1996, vol. I, pp. 230-231). Seguimos, no entanto, o esquema genealógico apresentado por Felgueiras Gayo no seu Nobiliário, Tit. dos Sosas, p. 42-43.

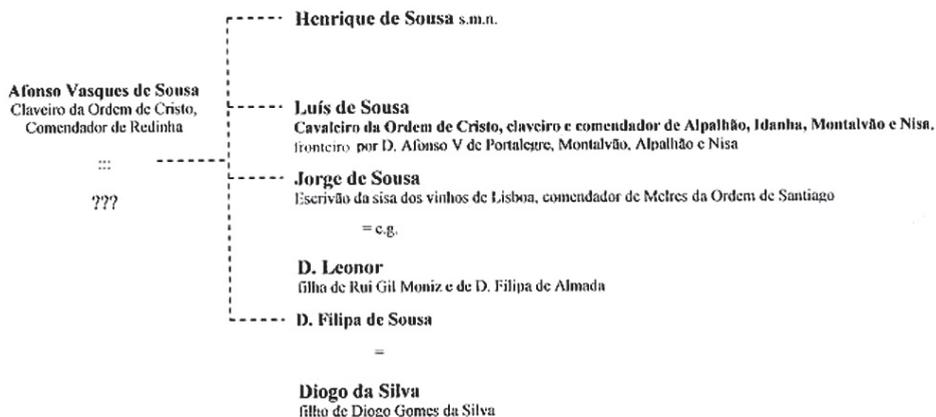
⁶⁴ Foi nomeado para este cargo por carta de 8 de Janeiro de 1488. IAN/TT, *Chancelaria de D. João II*, Liv. 18, fl. 23.

⁶⁵ Fr. Jorge de Sousa casou pela primeira vez com Inês Cerveira, moça da Câmara da Infanta D. Joana, criada da condessa de Monsanto, D. Isabel de Cascais, da qual união terá nascido Francisco de Sousa Mancias. Casou segunda vez com D. Leonor, filha de Rui Gil Moniz, tesoureiro da moeda de Lisboa. FREIRE, Anselmo Braamcamp – *Brasões da Sala de Sintra*. INCM. 1996, vol. I, p. 230-231.

⁶⁶ Esteve este casamento envolto em grande polémica, uma vez que a noiva foi retirada pelo noivo do Mosteiro de Santos, casa feminina da Ordem de Santiago, onde se encontrava recolhida. GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sosas, p. 42-43 e p. 364.

⁶⁷ GAYO, Felgueiras – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1941, Tit. dos Sosas, p. 275.

OS SOUSA CHICHORRO E AS ORDENS MILITARES



Esquema Genealógico nº 10

Destas ligações, quer com a coroa, quer com as Ordens Militares, será de realçar que, dos filhos de Martim Afonso de Sousa, serão sobretudo os legítimos a terem uma maior ligação à corte, estando reservada à descendência bastarda um inequívoco vínculo às Ordens Militares. Dos netos legítimos, apenas dois nos surgem referidos como pertencentes às Ordens Militares, ocupando nestas instituições cargos de menor importância, quando comparados com os netos ilegítimos, os quais controlam os cargos de maior importância, como por exemplo o de comendador mor. Dignidade que, veio a ser exercida, por via ilegítima, por um neto e um bisneto de Martim Afonso de Sousa.

A frequência com que nos aparecem filhos bastardos, concretamente na Ordem de Cristo, poder-se-á dever ao facto de se tratar de uma milícia mais dependente da coroa, logo mais sujeita aos arbítrios do monarca ou dos infantes, que como seus governadores e administradores detinham o poder de decidir quem nelas poderia ingressar. E, por outro lado, ao facto de a Regra, Estatutos e Definições, desta milícia não permitir que os seus freires cavaleiros e comendadores contraissem matrimónio, o que não acontecia na Ordem de Santiago⁶⁸.

⁶⁸ Sobre este assunto e no que se refere à Ordem de Cristo veja-se: IAN/TT, *Regra e Definições de 1503*, Série Preta, nº 1393, cap.L, fls. 40 v-41. Só em a 20 de Junho de 1496, pela Bula *Romani Pontificiis sacri Apostolatus*, a pedido de D. Manuel, na qualidade de governador da Ordem de Cristo, e de todos os comendadores e Priores da dita ordem e da Ordem de Avis, vieram os seus cavaleiros a receber dispensa para poderem contrair matrimónio, sem embargo do voto de castidade e qualquer estatuto das ditas Ordens. IAN/TT, *Bulas*, maço 15, nº 19; e *Gaveta* nº 7, maço 3, nº 32 e maço 7, nº 11.

Devemos ainda ter em consideração a possibilidade de para os filhos ilegítimos ou bastardos da nobreza, estas instituições, poderem ser uma forma de aceder a uma carreira nas armas, com também de poderem vir a beneficiar de rendimentos, nomeadamente, através da concessão de uma comenda. Estas instituições, tornavam-se, assim, um meio invejado por parte deste grupo muito concreto de indivíduos de granjear o prestígio e de aceder aos rendimentos necessários ao reconhecimento de uma condição social superior⁶⁹.

Um outro elemento que nos parece ser de todo o interesse realçar é o do posicionamento da mulher dentro da dicotomia linhagem/Ordens Militares. No que se refere ao seu posicionamento face à linhagem é sobejamente conhecida a sua grande importância, uma vez que, ao serem dadas em casamento a membros de outras linhagens, permitiam estabelecer novas alianças e alargar as redes de solidariedade. No entanto, quando dadas em casamento a membros das Ordens Militares, para além desta circunstância, passavam a beneficiar do apoio e da influência de instituições com um grande poder económico e político. Esta linhagem, se por um lado, soube manter-se perto da monarquia, o que lhe permitiu aceder a cargos de relevo na administração do reino, por outro, teve sempre uma preocupação de manter uma ligação com as Ordens Militares, muito em especial com a Ordem de Cristo, chegando mesmo a fazer dela uma “*Ordem de Família*”⁷⁰, o que poderá ser entendido como um comportamento comum a outras famílias. Situação que, tem o seu ponto mais alto com a presença de Gonçalo Anes de Sousa, na dignidade de comendador mor da Ordem de Cristo, o que lhe terá possibilitado assegurar a alguns dos seus descendentes uma presença de relevo nesta milícia.

⁶⁹ SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *Os Pimentéis: percurso de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p. 148-149.

⁷⁰ SOUSA, Bernardo Vasconcelos e – *Os Pimentéis: percurso de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p. 149-172. É esta expressão utilizada, com o intuito de caracterizar a presença dos Pimentéis na Ordem do Hospital.